



# JUSTIFICANDO ATITUDES

## No conflicto entre a C. G. T.

## e as Federações

Forçados somos a vir novamente a público. E como o não fazemos no local próprio — as colunas de *A Batalha* — cumprimos nos expôr as razões que a tal nos levam.

Como é de todos conhecido, as três federações que primeiro assinam este, publicaram em *A Batalha* de 5 de Dezembro p. p. uma nota colectiva marcando a sua attitude perante a C. G. T. em face do desrespeito a resoluções tomadas pelo anterior Conselho Confederal. Em resposta a essa nota, publicou o Comité Confederal, no dia 9 do mesmo mês, uma outra, onde, iludindo o título de esclarecimento, se insinuava torpemente e se faltava à verdade duma maneira lamentavel. E porque assim foi, de esperar era, tambem, que os organismos visados replicassem. Ora isto não convinha aos actuais detentores do baluarte máximo do proletariado. E uma ideia diabólica iluminou os cérebros dos receosos: ¡Estabelecer a censura! Dito e feito. A Federação Metalúrgica, a Federação do Livro, do Jornal e Similares, o Sindicato Metalúrgico, etc., etc. mandavam sucessivamente para o jornal, notas contendo resoluções que não eram do agrado do Comité Confederal, e que por essa mesma razão não foram publicadas. ¡Com que direito, se não publicam resoluções de organismos confederados? Mistério! Mistério que só o Comité poderá desvendar.

### Forçando a lógica

Mas não fica por aqui a deslealdade e a perfídia. Fizeram publicar em *A Batalha* de 19 de Dezembro um artigo sob o título «Um conflicto que termina» onde se pretendia fazer crêr que este conflicto estava, ou solucionado, ou em vespasas disso. Pois bem: esse artigo que não vinha assinado para dar a impressão que era da redacção, era da autoria de Fernando de Almeida Marques, componente do Comité, ao qual foi lido. Mais: Chegou a ser composto com assinatura do Comité Confederal, a qual foi depois retirada. Porquê, e para quê?

Para fugir á responsabilidade atirando com a autoria para cima da redacção, que, se não houvesse a censura teria que publicar alguns ataques que a proposito lhe seriam dirigidos, pois o artigo era uma nojenta provocação.

Quem são os autores de tudo isto? Uns, individuos alvejados no artigo «Perante um grupo de supostos anarquistas que anda caluniando a Organização Operaria» publicado em *A Batalha* de 5 de Setembro p. p., e no artigo «Os detractores da C. G. T. e de *A Batalha*», não passam dum pequeno grupo de despeitados de 25 de Agosto p. p.; outros, individuos que por dignidade própria não deveriam ter voltado á C. G. T. sem que um inquérito se pronunciasse sôbre graves acusações que lhes foram feitas».

E são taes camaradas «que querem dar ao operariado hesitante a bandeira da anarquia para que êle se saiba finalmente guiar.

### Moralidade avariada

E já que falámos de *A Batalha* e dos seus moralisadores aí vai mais um facto que serve para se avaliar da coerência dêles.

Desde que existe o jornal, em períodos em que a situação era mais desafogada, nunca houve administração não remunerada. O próprio lugar de director remunerado foi sempre amplamente combatido. Pois agora que a vida do jornal está em clima, que o seu pessoal anda com uma sempre crescente falta de atrazo, resolve-se que aqueles 2 logares sejam dados a quem se quiser. E quem são os primeiros a defender tal pretensão? Os primeiros meados! Silva Campos e Mario Castelhamo, embora não tenham feito umas gagas declarações que não aceitavam o salário mensal e só receberiam, de principio, os dias que perdessem no seu trabalho. Frize-se, porém, que o pessoal tem contribuido durante longo tempo com um dia de trabalho para auxiliar o jornal. Nas ocasiões difíceis a ele se recorre. E o director, Castelhamo, ... confederou-se ha pouco...

Oh! Coerencia por onde andas?

Mas, passemos a outro assunto.

### Aclaração necessária

Na nota do Comité Confederal, de resposta ás três federações, e ainda em outros documentos, joga-se continuamente com a posição de alguns outros delegados, que, dizem, adoptaram no pretérito Conselho attitude semelhante á dos delegados visados na nota da extinta Comissão Administrativa da C. G. T., pela qual deveria ter sido pautada a orientação dos organismos da provincia, porquanto ella é a expressão das resoluções das reuniões das federações, que as mesmas acceitaram, e portanto deveriam cumprir; mas até nisto os respondentes são mentirosos, porquanto no actual conselho confederal não há delegado algum que tivesse tomado parte activa no conflito, pois que, uns abandonaram o conselho quando a questão começou a tomar o character de bandalheira, e outros, continuando a assistir, abstiveram-se de fazer uso da palavra em tal discussão votando simplesmente documentos atinentes a pôr termo á mesma, estando nestas condições um dos delegados dos Mobiliários, o dos Textis, um dos Rurais e o da Construção Civil.

Mais ainda:

Na circular que a Comissão Administrativa enviou a todos os organismos confederados, esta, cujos membros haviam assistido, pelo menos a sua maioria, ao conflito, focavam-se só os trez individuos cuja estada na C. G. T. impugnámos, não se referindo a quaisquer outros.

Na mesma nota, e após duas referencias a supostos intuitos destes organismos, que são pura artimanha, para desviar a questão do neu eixo, alude-se á estada de um dos individuos (Silva Campos) á frente da C. S. T. de Lisboa, nomeado no seu ultimo congresso extraordinário por 15 organismos, e em cujo conselho geral ninguém protestava contra ele, por incompatibilidade moral.

Poderíamos aqui fazer larga descrição das razões que motivaram a aceitação do mesmo individuo, a deslocação da fase incompatibilidade moral, para o Conselho Geral da C. S. T., etc., mas limitamo nos a chamar a attenção dos que nos lêem, para que ponderem no facto de, por 15 votos contra 6, in-

organismos que no dito congresso haviam votado a nomeação, ter sido aceite o seu pedido de demissão. Foi pois de fortemente censurado por ter falseado a verdade na apreciação do conflito com a C. G. T., exactamente atingido. Dos membros do C. S. T. L. foram demittidos os delegados ao conselho confederal, um dos quais, Gomes do Amaral, conservando o cargo para que fôra nomeado, agora como delegado da Federação Maritima (nova).

## Processos sintomáticos

Isto demonstra que, os individuos que estão á frente da C. G. T. não desarmam. São os mesmos que repudiaram as resoluções das federações, que entronisaram em cargos confederais os trez individuos que deveriam ter sido afastados, que se apossaram do jornal «A Batalha», e que querem continuar a preponderar, ainda que para isso tenham de pintar delegacias.

Outro facto para a historia.

José Pires de Matos, cuja moral é vaga, é nomeado delegado ao conselho confederal, a representar a secção federal do Norte, dos Empregados no Comercio, que á data da sua nomeação pelo menos, nem um organismo confederado tinha no seu seio.

Mas... é preciso maioria; passêmos adiante.

E porque motivo não aludiu a nota do comité confederal de resposta ás federações, ao facto apontado, — o assalto à mão armada à redacção d'A Batalha, por parte dum dos individuos em questão e outros que passam por bons camaradas?

Seria curioso que o proletariado conhecesse esse naco de historia.

## A nossa posição

Outros factos são decorridos que mereceriam descrição a titulo de estudo da psicologia sindicalista de muitos illustres camaradas que ora preponderam na C. G. T. e que apreciados á luz da verdade, conduziriam o proletario a colocar a organização no espirito do bom sindicalismo e da boa moral, e ao afirmar, mas isto lamentamos a attitude assumida por algumas federações que tomaram parte nas reuniões de Agosto p. p. e tão depressa esqueceram os compromissos tomados, para defenderem trez individuos a quem um simples principio de escrupulos afastaria de um conflito que tão graves desordens internas trouxe á organização operaria.

E em contraposição aos organismos que assim procederam, e contra três individuos, firmaram uma clara posição de coe-

rencia, colocando se ao lado das trez federações que primeiramente tinham assumido esta attitude, a Federação Vinicola, a Camara Sindical do Trabalho de Lisboa e o Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande.

Não são pois os *intuitos reservados* que animam a attitude que assumimos, mas a defesa de resoluções tomadas e o combate á immoralidade que campeou no anterior conselho e que pretendem transportar para o presente.

Finalizêmos:

## ¿O que queremos?

Não quizemos o conflito; não pretendemos crear dificuldades á C. G. T. como organismo máximo do proletariado.

Continuamos adherentes, pagando as nossas cotisações, continuamos defendendo a orientação sindicalista revolucionaria e mantendo tudo quanto afirmámos na nossa nota de 5 de Dezembro p. p.

E como o comité afirmou que outros são os *motivos de divergencia*, daqui reptamos esses individuos a provar publicamente o facto, aguardando nós que na sua qualidade de libertarios, de que se arrogam, nos dêem o direito de respondermos no mesmo local onde produzirem a prova.

As nossas intenções são simples.

Façam um rigoroso inquérito aos actos e acção no movimento operário, das trez creaturas contra quem nos insurgimos, afastando-os da C. G. T. até à conclusão do mesmo e teremos terminado o conflicto que nos não interessa manter, mas em que não transigiremos enquanto se constatarem as causas que lhe deram motivo.

Camarada:

Pondêra bem nos prejuizos que soffres com as lutas na C. G. T. e procura por intermédio do teu sindicato levantar a boa moral da organização, pronunciando-te em face deste conflicto.

Janeiro de 1927.

*A Federação do Livro, Jornal e Similares*  
*A Federação Metalúrgica*  
*A Federação Mobiliaria*  
*A Federação Vinicola*  
*A Camara Sindical do Trabalho de Lisboa*  
*O Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande*